

Os caminhos do modelo educacional na obra literária *Tróia*: o romance de uma guerra, de Cláudio Moreno

The ways of the educational model in literary work *Tróia*: the romance of a war, of Cláudio Moreno

Rayana Maria Lopes Melo

Pós-graduanda em Educação Infantil pela Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE).
Pedagoga formada pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Fabiana Cristina da Silva

Professora Doutora do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Luciano Silva Figueiredo

Professor Doutor da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Integrante do Grupo de Pesquisa Dinâmicas Socioambientais, Cultura e Desenvolvimento no Semiárido (CNPq) - UESPI, Picos, Piauí, Brasil.

José Geovânio Buenos Aires Martins

Professor Especialista e Integrante do Grupo de Pesquisa Dinâmicas Socioambientais, Cultura e Desenvolvimento no Semiárido (CNPq) - UESPI, Picos, Piauí, Brasil.

Resumo: O trabalho em pauta aponta reflexões acerca do modelo educacional presente em *Tróia*: o romance de uma guerra, de Cláudio Moreno. Nesse sentido, objetivou-se identificar o modelo educativo, a similaridade docente, o perfil do educando, caracterizando os conteúdos trabalhados no processo ensinar e aprender presente no romance, de Cláudio Moreno. Teóricos como Marrou (1975), Jaeger (2003), Almeida (2012), Queiroz (2012), entre outros

Abstract: The work in question points out reflections about the educational model present in *Tróia*: the romance of a war, by Cláudio Moreno. In this sense, the objective was to identify the educational model, the teacher similarity, the profile of the student, characterizing the contents worked in the process of teaching and learning present in the novel, by Cláudio Moreno. Theorists such as Marrou (1975), Jaeger (2003), Almeida (2012), Queiroz (2012), among

foram extremamente importantes para a compreensão do modelo educacional presente na obra literária. Metodologicamente é uma pesquisa qualitativa de delineamento bibliográfico. Essa investigação priorizou uma obra literária brasileira para conceituar o modelo de educação homérica, por outro lado, a cultura homérica é estudada na história, na filosofia, na sociologia, nas artes, no ensino religioso, na antropologia, dentre outras ciências.

Palavras-chave: História da Educação Greca; Guerra de Tróia; Aprendizagem.

others, were extremely important for understanding the educational model present in the literary work. Methodologically it is a qualitative research with bibliographic design. This investigation prioritized a Brazilian literary work to conceptualize the Homeric education model, on the other hand, Homeric culture is studied in history, philosophy, sociology, arts, religious education, anthropology, among other sciences.

Keywords: History of Greek Education; Trojan War; Learning.

Introdução

No presente estudo optou-se por explicar o modelo educacional presente no romance *Tróia*, de Cláudio Moreno. Entretanto, através desse contato com o tema, ou como uma nova forma de olhar o conceito de Educação de uma das civilizações que compõem a sociedade greco-romana, há a possibilidade de auxiliar novos olhares sobre o processo ensino-aprendizagem no Estado brasileiro. Além disto, o livro a ser analisado conta a história da guerra de Tróia.

A cultura greco-romana é denominada assim, porque após a conquista romana sobre a Grécia, aproximadamente em 146 a.C. teve uma fusão entre a cultura da Grécia e de Roma, onde o dominado Grécia, foi sendo incorporado na cultura do dominador, Roma (ALMEIDA, 2012). A civilização ocidental descende da fusão dessas culturas e outras mais, o que por sua vez deixa seus traços essenciais na forma de viver do nosso povo, com isso, a Educação, como afirma Monroe (1977) e Röhr (2006): é uma construção social que surgiu por meio da necessidade de se transmitir algo importante para as demais gerações. Monroe (1977) também fala do princípio de cidadania, pois para o autor a Educação leva à cidadania.

Partindo da perspectiva da nova história cultural, essa proposta visa analisar o modelo educacional presente na obra literária *Tróia*: o romance de uma guerra. Queiroz (2012) destaca que, por essa história se passar num contexto de guerra o óbito é algo inevitável na erudição, porém existe algo de sublime no finamento dos heróis homéricos, pois é por meio dele que se pode alcançar a glória eterna, e um dos aspectos que podem favorecer essa glória, é o ritual fúnebre presente em vários fragmentos na obra estudada.

1 Definindo o percurso histórico da História da Educação e Literatura

A história da educação, assim como, a própria história tem três fases distintas que buscam explicar ou compreender o passado, sendo elas: o Positivismo, o Marxismo e a Nova História Cultural. Durante séculos o campo de estudo da história fazia pesquisa de forma a solucionar ou julgar os problemas humanos passados, entretanto essa perspectiva da história vem sendo modificada, deixando um pouco mais de lado a praticidade e as respostas imediatas, para dar lugar à busca pela compreensão dos fatos.

[...] a História, em princípio, é um saber inútil, do ponto de vista pragmático. Há quase um século, tem deixado, paulatinamente, de julgar o passado e tentar dele extrair lições para o presente e para o futuro. No limite, tem contribuído para que entendamos um pouco mais, juntamente com outras formas de explicação da realidade, o que o presente insistentemente nos coloca como problema [...] (LOPES; GALVÃO, 2001: 16).

Mais adiante, “[O positivismo] tende profundamente, por sua natureza, a consolidar a ordem pública, pelo desenvolvimento de uma sábia resignação” (DURKHEIM apud LOPES, 2006: 20). Esse prisma visava contar a história dos grandes fatos a partir dos grandes personagens que a constituíam, tendo assim uma visão limitada da história por só enxergar um lado, o lado de quem detinha o poder - os vencedores.

Tentando romper esse ângulo do contar a história, surge a perspectiva Marxista, inspirada nas concepções de Karl Marx, cujo cerne é a luta de classes, como Marx nos afirma em seu Manifesto (LOPES, 2006). Inclusive essa concepção apenas inverteu a lógica Positivista, pois a história passou a ser contada pelo proletariado.

Pouco depois dessa óptica surge a Nova História Cultural que tem sua influência na concepção dos *Annales*, onde um grupo de historiadores franceses criou uma revista para publicar as suas pesquisas interdisciplinares, com três gerações - e que no total durou cerca de 60 anos - uma influência para além do campo da história.

Nomear apenas as mais importantes contribuições da escola dos *Annales* significa escrever uma lista por si só impressionante: história-problema, história comparativa, história psicológica, geo-história da longa duração, história serial, antropologia histórica (BURKE, 1997: 126).

A Nova História Cultural visa uma abordagem mais ampla, que tem por

característica buscar compreender a história a partir de todos os aspectos da vida social como “civilização material, poder e mentalidades coletivas” (LOPES, 2006: 27). De acordo com a mesma autora, há também a ampliação das fontes utilizadas para contar a história. Essas três correntes - Positivista, Marxista, e Nova História Cultural - coexistem, cabendo a cada historiador optar pela que melhor lhe serve. Dessa forma, o presente estudo optou pela corrente da Nova História Cultural, porque proporciona uma visão mais ampla do objeto estudado.

No decorrer dessas últimas décadas a partir de influências de outros campos de estudos, a História da Educação teve a ampliação de suas fontes e objetos, assumindo assim a visão da Nova História Cultural, pois

[...] a História da Educação, influenciada, sobretudo pela Sociologia, Antropologia, Teoria Literária e Linguística, à semelhança do que já ocorria em outros domínios da História, passa por um processo de renovação: os objetos, e as fontes são alargados, diversificados (LOPES; GALVÃO, 2001: 35).

E é justamente por causa do alargamento das fontes e do objeto de estudo que a pesquisa pôde-se concretizar, de modo que na perspectiva Positivista e Marxista seriam incabíveis, só sendo possível por meio da revolução provocada pela Escola dos *Annales* e posteriormente pela Nova História Cultural. Como essas mudanças são relativamente novas para o tempo histórico, ainda existem muitos historiadores que seguem a linha Positivista, apresentando a história como solução dos problemas atuais para não cometer os mesmos erros (LOPES; GALVÃO, 2001).

Lopes e Galvão (2001) lembram que a Nova História Cultural surge a partir da influência dos *Annales* e seus seguidores, *Ferdinand Braudel* e *Roger Chartier*¹, que acabaram por proporcionar revoluções tanto na seleção dos objetos de pesquisa como na forma de abordar esses objetos (livros didáticos, currículo, os professores, dentre outros). Assim, a corrente considera que para se entender o processo de ensino nas diversas épocas não é suficiente investigar as transformações sofridas na forma de organizar a escola ou apenas baseando-se em leis e em obras de grandes educadores, porque é preciso também observar outros aspectos como “[...] os métodos de ensino, os materiais didáticos utilizados, as relações professor/a; aluno/a e aluno/a; os conteúdos ensinados; os sistemas de avaliação e de punições [...]” (LOPES; GALVÃO, 2001: 52).

É importante entender que essa mesma corrente, além de tentar investigar o dia-a-dia das escolas, passou a tentar compreender os sujeitos que antes eram es-

¹ Lopes e Galvão (2001) afirmam que *Ferdinand Braudel* e *Roger Chartier* não foram contemporâneos. Entretanto, os *Annales* teve três gerações, onde cada um teve seu vínculo ao contribuir para a Nova História Cultural (BURKE, 1997; LOPES; GALVÃO, 2001).

quecidos como, as crianças, as mulheres e as pessoas de etnias diferentes das sempre estudadas. Foram essas mudanças do olhar sobre os sujeitos que fizeram história, inovaram nas fontes ou então modificaram o olhar sobre as fontes já consagradas que tornam a Nova História Cultural mais ampla que as demais correntes.

Na visão de Lopes e Galvão (2001), as fontes são a matéria-prima com que o historiador trabalha para fazer história. É o problema e o tema que vai delimitar a fonte a ser utilizada. Porém, por mais que encontre a fonte adequada, não será possível dizer completamente o que aconteceu no passado, pois “[...] é uma realidade inapreensível” (LOPES; GALVÃO, 2001: 79). Até as três primeiras décadas do século XX eram consideradas fontes apenas documentos oficiais como, por exemplo, as leis.

Algumas das fontes utilizadas pela Nova História Cultural da Educação são: os livros didáticos, os catálogos editoriais, arquitetura escolar, pinturas, desenhos, esculturas, fotografias, autobiografias, memórias, correspondências particulares, entrevistas, textos literários dos mais variados gêneros, entre outras. Lopes (2006) apresenta alguns ricos exemplos de obras literárias para a História da Educação como provocações a quem deseja utilizar-se da literatura como fonte; o primeiro é *Bresciani* (1982), seu conteúdo é teórico; o segundo *Pompéia* (1888), um romance e o terceiro exemplo é *Cora* (1984), um livro de poesia. Portanto, acolhendo a provocação de Lopes (2006), optamos por analisar uma obra literária como fonte, visto que podemos “[...] compreender e centrar nossa atenção na leitura literária como objeto histórico e social [...]” (PEREIRA, 2006: 16).

Sendo a fonte desta pesquisa um texto literário, mais especificamente um Romance, de acordo com Lopes e Galvão (2001: 85),

Em História da Educação essa fonte começa a ser bem mais aproveitada e tem propiciado emergirem do desconhecido o cotidiano de escolas, formas de socialização, maneiras de trajar, relações, tudo isso que faz parte da vida de homens e mulheres.

Depreende-se a partir de Lopes e Galvão (2001), a importância de compreensão do desconhecido, do modelo educacional da Grécia Antiga, os educadores, os educandos e os conteúdos trabalhados.

2 História da Educação Grega na Antiguidade

Na reivindicação do processo de formação do ensinar e aprender, a Grécia tornou-se um exemplo por constituir um modelo educacional de relevância.

Neste processo, a própria estrutura geográfica da Grécia – como se disse, ‘topografia

montanhosa' e 'fracionamento geográfico natural' – favoreceu a formação de reinos isolados e independentes, que só se aliavam momentaneamente, para depois tornar a separar-se, mas vindo assim a construir, por intercâmbios comerciais e culturais, uma profunda unidade espiritual, que deu vida a uma 'civilização comum', ligada à mesma língua, ao mesmo alfabeto, a uma atividade mitopoética comum (CAMBI, 1999: 76).

A formação desse povo foi composta a partir de inúmeras invasões de “povos denominados Indo-Europeu” (MURARI, 2011: 17). Nessa caminhada, várias pessoas migraram para direções diferentes, alguns foram para a Ásia, outros continuaram na Europa; em decorrência disso, cada local invadido passou a ter cultura e expressões linguísticas diferentes. Dos povos que ocuparam o atual território grego (ou como era chamado Hélade), os Jônios, Aqueus, Eólios e Dórios se destacaram pelo seu modo de organização social e cultural (BRANDÃO, 1997 apud MURARI, 2011: 17).

Dessa forma, surgiram as canções que são cantadas e preservadas ao longo dos anos (MURARI, 2011). Dentre as várias canções que foram ou são cantadas, uma das mais famosas é a **Ilíada**, que remete à história de uma guerra, onde foi mobilizado milhares de pessoas e vários reinos se uniram em busca de um objetivo maior, a honra.

[...] em uma missão diplomática a Esparta o jovem príncipe troiano Páris se apaixonou pela rainha Helena, que era esposa de Menelau, o rei de Esparta. Páris leva a sua amada para Tróia as escondidas, e Menelau, com sua honra ultrajada, pede ajuda ao seu irmão Agamenon, rei de Micenas, o maior reino da época para que o ajude a recuperar a sua linda esposa e a vingar a ofensa que os troianos lhes haviam feito. Agamenon agrupa então um enorme exército, reunindo guerreiros de diversos reinos dispersos por toda a Grécia. Eles então marcham para Tróia para travar uma guerra de vingança (MURARI; AMARAL; MELO, 2009: 9855).

Esta canção percorreu gerações e gerações a partir da oralidade até ser condensada na forma escrita por um *aedo* (poeta), chamado Homero. Ressalva-se que Homero, é “[...] proveniente da região da Jônia, nasceu por volta de VIII a.C., e supostamente foi o autor dos poemas Ilíada e Odisseia” (MURARI, 2011: 27). A partir dos estudos de Sousa (2010), essas-duas obras de Homero, apresentam uma função educacional a partir dos relatos dos mitos. Os dados da presente pesquisa, no recorte possibilitado pelo estudo, permitiu anular qualquer dúvida sobre a função educativa das obras homéricas, porque desde a antiguidade Platão já considerava Homero como o ‘educador da Grécia’ (SOUSA, 2010: 75).

A antiguidade tanto para Cambi (1999), bem como, para Goergen (2006) é considerada um período de transição. Seguindo essa lógica, Goergen (2006: 182)

aponta que:

[...] dos simples costumes educativos para a teoria, ou seja, ela faz nascer uma reflexão sistemática e rigorosa sobre os problemas humanos e educacionais, conformando aos poucos o grande ideal de formação humana, social ou individual, na perspectiva de ideais universais.

Para Monroe (1977: 29), a educação grega é comumente conhecida em dois períodos, ou seja, “[...] antigo e novo período, com o ponto de divisão na Idade de Péricles ou meados do V século a.C.”; e só terá seu fim quando ocorre a fusão com a educação romana. De acordo com o mesmo autor, o antigo período foi dividido em Idade Homérica e Período Histórico, onde o período de transição corresponderia à nova educação (Sofistas, Sócrates, Platão e Aristóteles).

2.1 Idade Homérica ou Educação do Guerreiro

[...] a cultura grega foi, originariamente, privilégio de uma aristocracia de guerreiros... heróis homéricos não são combatentes selvagens, guerreiros pré-históricos, como se compraziam em imaginá-los nossos predecessores românticos: em certo sentido, já são cavalheiros (MARROU, 1975: 20).

Para a Idade Homérica era inadmissível um guerreiro sem sapiência, porém essa educação ficava reservada aos jovens da aristocracia. Para Marrou (1975), o duplo ideal de formação para o perfeito cavaleiro seria tornar-se um grande orador (homem de sabedoria) e um grande guerreiro (homem de ação). Ou seja, o guerreiro deveria ser “[...] capaz de prestar a seu suserano tanto serviço judiciário como serviço de campanha” (MARROU, 1975: 24). Dessa forma, “[...] o jovem nobre recebia dos conselhos e dos exemplos de um mais velho a quem tinha sido confiado, em vista de sua formação” (MARROU, 1975: 25).

Segundo Cambi (1999), estudos asseveram que a relação entre o guerreiro mais velho (treinador) com o mais novo (guia) se dava através de uma relação que envolvia vínculo afetivo de amizade, onde poderia haver até atos de pederastia. Nesse cenário, Aquiles era um exemplo de herói guerreiro porque era completo, o que detinha a *Arete*, garantindo a excelência e valor (CAMBI, 1999). Ele era excelente tanto na parte técnica (preparação física, musical, entre outras), bem como, como na parte ética (valores) e estética (beleza).

A educação homérica priorizava a força física, habilidades bélicas, virtudes morais e estética, onde a estética não se separa do ideal de humano, uma vez que, o homem deve ser belo e bom (CAMBI, 1999).

3 Percurso Metodológico da Pesquisa

Diante do objetivo da pesquisa, optou-se pela pesquisa de abordagem qualitativa, classificável como exploratória e de delineamento bibliográfico. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009: 32), tal pesquisa oferece “[...] aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”.

Para conduzir um estudo na extensão aqui proposta foi preciso se apoiar em uma classificação denominada de exploratória, e que tem o fito de “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito [...]” (GIL, 2006: 41).

Cabe observar que a pesquisa bibliográfica, “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2006: 44). Sendo assim, para este estudo, escolhemos por explicar os caminhos do modelo educacional presente em *Tróia*: o romance de uma guerra, de Cláudio Moreno. Os demais ambientes pesquisados foram livros, artigos nacionais, dissertações de mestrado, observando sempre sua relação com o tema para proporcionar ao leitor um entendimento do assunto.

3.1 Resultados e Discussões

Cláudio Moreno² é natural de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Formado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com habilitação em Português e Grego. Em 1972 tornou-se docente no Instituto de Letras pela mesma universidade, em 1977 concluiu seu mestrado em Língua Portuguesa, ainda em 1997 obteve o título de doutor em Letras.

Coordenou a área de Língua Portuguesa nos colégios Anchieta, Israelita-Brasileiro, João XXIII e Leonardo da Vinci Alfa e Beta, de Porto Alegre, do Sistema Unificado de Ensino. É professor regular das Tele aulas de Língua Portuguesa da Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro. Na imprensa, assina uma coluna mensal sobre etimologia na revista Mundo Estranho, da Abril, e escreve regularmente no jornal Zero Hora, de Porto Alegre, onde mantém uma seção sobre Mitologia Clássica e outra sobre questões da língua portuguesa.

Publicou, em coautoria, livros na área de redação. Além disso, é o autor do romance *Tróia* (2004) e de dois livros de crônicas sobre Mitologia Clássica, *Um Rio que Vem da Grécia* (2004) e *Cem Lições para Viver Melhor* (2008), todos pela L & PM.

² Biografia disponível no endereço eletrônico: <<http://sualingua.com.br/sobre-o-autor/>>. Acesso em: 8 jan. 2016.

É relevante mostrar que o livro em discussão, de Cláudio Moreno, permeia uma narrativa sobre uma das guerras mais conhecidas da antiguidade: a guerra de Tróia. Uma guerra cuja motivação foi diferente das demais, pois sua causa foi o amor. A obra é baseada na *Ilíada* de Homero (que narra o nono ano da guerra), porém ele conta desde as bodas de Peleu e Tétis (onde tudo teria começado) até o pós-guerra (o retorno dos gregos, exceto o de Ulisses, visto que seu retorno é contado somente na *Odisseia* de Homero), apontando um segredo de Tróia, pois Tróia não foi Helena a esposa de Menelau e, sim o seu espectro.

Trata-se de uma história repleta de reviravoltas provocadas pelos deuses para ajudar os seus protegidos na guerra. Uma trama importante, pois expressões como o “calcanhar de Aquiles”, apresenta implicações que se situam nesse período.

Outro tópico a ser discutido é o modelo educacional existente em *Tróia*: o romance de uma guerra, pois uma das questões preponderantes do livro é a seguinte: “[...] educasse e treinasse, transformando-os em homens justos e guerreiros formidáveis” (MORENO, 2011: 17). Portanto, o modelo educacional presente na obra baseia-se no ideal de educação homérica, cujo alvo é tornar o homem melhor em tudo, inclusive o trecho do livro dá ênfase à justiça – que se enquadra perfeitamente nas questões ético-morais da sociedade grega da época.

Um exemplo de homem armífero na obra é Heitor (príncipe troiano), e esse ideal será apresentado em vários momentos (não só na figura de Heitor, como de outros heróis), entretanto o escolhido foi Heitor, pois ele preferiu morrer em batalha a se acovardar.

Heitor ficou emocionado com as palavras de Andrômaca, mas sabia que não podia ficar. ‘Eu já pensei nisso tanto quanto tu, mas tenho uma terrível vergonha diante dos troianos, de ficar longe da batalha, como um covarde. Aprendi a ser bravo a qualquer tempo e a combater sempre na vanguarda, para conquistar uma grande glória para meu pai e para mim mesmo’ (MORENO, 2011: 189).

Para Marrou (1975: 32), o comportamento de Heitor é considerado ideal, pois ele abre mãos de “[...] uma vida longa e sem brilho por uma glória breve”, mas heroica!”. Nesta visão a morte de Heitor foi gloriosa, pois sua memória permanece viva na contemporaneidade, sua batalha com Aquiles, é apresentada como o triunfo da remição eterna. Pode-se dizer que este era um dos exemplos do processo educativo, no qual a criança e/ou jovem eram formados para tornar-se guerreiros de honra incontestável e com senso de justiça elevado.

Todo o processo educativo da época não acontecia em um local determinado como nas sociedades atuais, a dinâmica educacional ocorria nas residências ou em locais onde os guerreiros treinavam em preparação para os campos de batalhas.

Não é por acaso que o trecho a seguir traz uma narração explicativa, como um convite à reflexão sobre a educação ofertada a Aquiles.

[...] o educasse como convinha, na sua ampla caverna situada nos montes verdes da Tessália [...] grandes florestas [...] pelos vales e pelos campos [...] Ensinou-o também a escalar os píncaros dos montes, a atravessar florestas em chamas [...] (MORENO, 2011: 94-95).

Esta descrição remonta a um processo de ensinar e aprender desprovido da ação metodológica atual do Estado brasileiro (especialmente), pois o processo ensino-aprendizagem da sociedade grega, como declarado na obra, não era realizado em uma instituição específica para tal fim, no caso de Aquiles, ele foi educado no entorno da residência de Quíron, ou seja, em uma caverna (MURARI; AMARAL; MELO, 2009). Tal concepção de educação, visava somente o sobreviver a situações precárias de alimentação e as condições fenomenológicas, visto que a maior parte da vida de um guerreiro seria destinada aos conflitos aristocráticos.

O que não se pode perder de vista são os sujeitos que tiveram acesso ao aprendizado. O resultado da leitura de *Tróia*: o romance de uma guerra, aponta somente os reis, príncipes, sacerdotes, médicos sagrados, divindades, princesas e algumas poucas mulheres. Murari (2011: 94) nos faz refletir, “a educação grega era originalmente privilégio de uma aristocracia”.

Pouco se conhece da educação que as mulheres recebiam na época, entretanto essa instrução era toda voltada para o lar. Apesar da condição de inferioridade a que a mulher era submetida na Grécia, ambas eram respeitadas e honradas. Corroborando com esse pensamento, Jaeger (2003) nos diz que o respeito e a honra não estavam relacionados ao simples fato de ser mãe, mas precipuamente por ela ser a mantenedora e a guardiã dos mais altos costumes e tradições.

Enveredando pelos escritos de Cláudio Moreno (2011), vemos que o ensino, como evidenciado ao longo da pesquisa, tinha o propósito de atender somente a nobreza. Isso implica em uma abordagem sobretudo vantajosa para o sexo masculino, por isso, o estudo aponta alguns lampejos da educação feminina da época. A educação homérica é pautada pelas virtudes sejam elas físicas, mentais, éticas, estéticas e espirituais, sendo que as mulheres também tinham virtudes a serem alcançadas.

Nesta investigação, destacam-se, para tanto, os personagens de Ifigênia e Polixena; dois exemplos de princesas, uma grega e uma troiana, onde ambas têm como destino o exílio, sendo a primeira um sacrifício para os gregos fazerem uma boa viagem e dar início à guerra, já a segunda foi ofertada como prêmio de honra ao guerreiro de maior Arete. No recorte a seguir, percebemos a postura de Ifigênia, que por sua vez, é uma virtude adulta e feminal, enfim, a obra não evidencia

que a mesma foi educada para tal finalidade, mas subentende-se que esta educação ocorreu.

[...] com uma voz delicada, mas firme, falou como uma verdadeira princesa da casa real de Micenas: ‘Guerreiros, parem com isso! Minha morte já está decidida. Não são apenas vocês, mas a Grécia toda que me olha, esperando que eu enfrente o meu destino com dignidade; pois que assim seja. Os soldados dão a vida por seu povo... Minha vida não é melhor que a deles’ [...] ‘Outra coisa: não é justo que este homem sem igual tenha de lutar contra todos e morrer por minha causa [...] Levem-me ao altar, e depois destruam Tróia!’... só Aquiles teve coragem de falar: ‘Se os deuses me quisessem ver feliz, teriam deixado que tu fosses minha esposa! És altiva, generosa, és senhora de ti mesma! Respeito a tua decisão, que só te enche de nobreza, mas, pensa bem! A morte é uma coisa atroz...’... ‘Eu te agradeço por seres assim como és, Aquiles; tua beleza e tua lealdade trouxeram um pouco de luz ao último dia da minha vida (MORENO, 2011: 119-120).

Segundo Jaeger (2003), Ifigênia demonstra equilíbrio ao reconhecer que sua vida de princesa não é superior a de um soldado, nos fazendo inferir que foi educada de forma diferente. E essa modéstia exposta por Jaeger (2003) é uma das Aretes femininas.

A arete própria da mulher é a formosura. Isto é evidente como a valorização do homem pelos seus méritos corporais e espirituais... A mulher, todavia, não surge apenas como objeto da solicitação erótica do homem... mas também na sua firme posição social e jurídica de dona de casa. As suas virtudes são a esse respeito, o sentido de modéstia e o desembaraço no governo do lar (JAEGER, 2003: 46).

Por outro lado, a Arete de Ifigênia não se encerra na modéstia, pois a mesma também detém a Arete da formosura demonstrada em um excerto anterior, onde Aquiles enxerga, reconhece e admira a beleza dela, ou como exposto por Moreno (2011: 118) “Aquiles achou-a sublime; seu coração se encheu de admiração por aquela jovem e bela mulher que, à sua frente, na brisa fresca da manhã, aguardava, serena, a morte que se aproximava”.

Sobre a questão educacional, Ifigênia e Polixena se comportam conforme a sua cepa, pois “[...] ainda que pertencesse a uma linhagem ilustre, deveria agir de modo compatível com o esperado para manter a notoriedade de sua família” (MURARI, 2011: 110). Ao mesmo tempo, Polixena, filha de Príamo, é apresentada com o mesmo valor de confirmação da Arete masculina, da qual Aquiles mesmo morto, a quer como recompensa (e reconhecimento) de suas atitudes heroicas e guerreiras.

[...] essa belíssima virgem era um prêmio cobiçado por todos os vencedores, e muitos deles gostariam de tê-la como esposa. Tinha sido um pedido do espectro do

próprio Aquiles, que tinha aparecido para seus companheiros, indignado com o fato dele não ter sido incluído na partilha de honra. ‘Vocês se esquecem de mim, e não premiam a minha coragem? Essa é a sua gratidão por tudo o que fiz pela Grécia? Sacrifiquem Polixena sobre a minha tumba, e façam meu espírito descansar!’ Ninguém ousaria negar-lhe este último pedido; há muito tinha sido determinado que Polixena seria entregue ao guerreiro mais valoroso entre todos, e ninguém mais que Aquiles, o melhor entre os melhores, mereceria esse prêmio (MORENO, 2011: 299).

Moreno (2011) acredita que a educação que as mulheres recebiam era voltada de fato para os afazeres do lar e da família. É o que nos apresenta Sissa (1990) ao dizer que são poucas as atividades que as mulheres detinham como atribuição.

Na impossibilidade de aceder realmente à educação, as mulheres encarnam no imaginário... uma permeabilidade quase sem resistência face à verdade... são raros os *savoir-faire* valorizados, exigindo competência e habilidade, atribuídos às mulheres: a tecelagem e, na maior parte das sociedades tradicionais, a gestão da casa, o cuidado com os filhos. Platão é o único a exprimir o seu espanto e a sua indignação perante este paradoxo: o facto de a missão de educar os cidadãos ser confiada a seres que são, eles próprios, tão mal educados (SISSA, 1990: 79).

As raízes da invisibilidade feminina estão imbricadas em toda a obra de Moreno (2011), porque somente Aquiles e outros rapazes de sua idade podiam lutar, correr, simular o combate, dormir na pedra, caçar animais mortíferos, atravessar florestas em chamas, escalar píncaros dos montes, afinar a lira, tocar e cantar os feitos dos velhos guerreiros, ou seja, não há vestígios de atividades com essa mesma propensão para o público feminino. O modelo educacional da época consistia em formar grandiosos guerreiros e homens com virtude moral (MURARI; AMARAL; MELO, 2009). Em outras palavras, o modelo educacional do ciclo exaltado é diferente da contemporaneidade, embora o padrão educacional descrito no livro *Tróia*: o romance de uma guerra, seja importante, pois a própria criação literária de Moreno (2011) notabiliza a importância educacional como garantia de transformação da sociedade descrita pelo autor.

Além do modelo educacional, o trabalho de Moreno (2011) também chama a atenção para o ideal de educador, pois uma característica marcante, seria homens mais velhos na condução do processo ensino-aprendizagem, e isso em uma clara valorização do conhecimento e sabedoria alcançada pela experiência, visto que a aristocracia tinha por finalidade formar grandes sábios e guerreiros altamente qualificados (MARROU, 1975; JAEGER, 2003). O livro também fala do ideal de educando, pois o modelo homérico primava pela perfeição, por isso, somente a aristocracia

tinha acesso ao conhecimento por se reconhecer o seu caráter ético (MORENO, 2011). Para Murari (2011), toda a produção homérica só pode ser compreendida a partir da clareza temporal que a obra está situada.

Considerações finais

Tróia: o romance de uma guerra, de Cláudio Moreno, retrata o modelo educacional homérico que é fundamentado no ensino das virtudes, pois a figura do homem belo e bom foi resgatado com braveza, contudo a mulher é narrada especialmente para as atividades domésticas, com a forte associação ao dócil, a submissão, a beleza física e ao resguardo da casa. As reflexões alcançadas assinalam para um conceito de educação homérica diferente da atual.

Além disso, não havia um lugar específico para o ensinar e aprender nessa sociedade desenhada por Cláudio Moreno. Partindo deste argumento pode-se afirmar que o processo ensino-aprendizagem normalmente acontecia na residência dos mestres ou nos campos onde poderiam ocorrer as batalhas. Ocorrência que pode ser explicada pelo fato de que somente a aristocracia tinha acesso ao conhecimento intelectual, além de alguns deuses e divindades.

Ao falar de *Tróia*: o romance de uma guerra, evidencia-se o uso da literatura e história como sustentáculos para a compreensão de um modelo de educação que pode servir de apoio para outras sociedades, haja vista o seu ideal de formação intelectual e física. Essa investigação priorizou uma obra literária brasileira para conceituar o modelo de educação homérica, por outro lado, a cultura homérica é estudada na história, na filosofia, na sociologia, nas artes, no ensino religioso, na antropologia dentre outras ciências.

Referências

ALMEIDA, Priscilla Adriane Ferreira. **Ilíada Latina**: Tradução e estudo literário da adaptação da Ilíada de Homero na antiguidade latina. 2012. 203 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECAP-8RWJXR/1/disserta__o_priscilla_almeida.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2016.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989)**: a revolução francesa da historiografia. São Paulo: UNESP, 1997.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora UNESP (FEU), 1999.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de pesquisa. In: _____. (Org.). **Planejamento e gestão para o desenvolvimento rural da SEAD/UFRGS**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 1-120. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como classificar as pesquisas. Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GOERGEN, Pedro. De Homero e Hesíodo ou das origens da filosofia e da educação. **Pro-posições**, v. 17, n. 3, p. 181-198, set/dez. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643615>>. Acesso em: 11 jul. 2015.

JAEGER, Werner. **Paidéia a formação do homem grego**. 4. ed. São Paulo: Martins fontes, 2003.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Perspectivas históricas da Educação**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. [o que você precisa saber sobre...] **História da Educação**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2001.

MARROU, Henri Irénée. **História da Educação na Antiguidade**. São Paulo: Epu, 1975.

MONROE, Paul. **História da educação**. 12. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

MORENO, Cláudio. **Tróia: romance de uma guerra**. Porto Alegre: Editora L & PM, 2011.

MURARI, Juliana Cristhina Faizano. **As epopeias homéricas: uma reflexão sobre poesia e educação**. 2011. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011. Disponível em: <<http://www.ppe.uem.br/dissertacoes/2011-Juliana-Murari.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2015.

MURARI, Juliana Cristhina; AMARAL, Roseli Gall do; MELO, José Joaquim Pereira. Objetivos e características da educação homérica: uma reflexão sobre o conceito de areté. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, EDUCERE, ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 2009, Paraná. **Anais...** Paraná: PUCPR, 2009. p. 9854-9866.

PEREIRA, Sarah Pontes. **O texto literário nos manuais didáticos**. 2006. 61 f. Monografia (Licenciatura em Letras, Habilitação Português e respectivas Literaturas) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/80860-O-texto-literario-nos-manuais-didaticos.html>>. Acesso em: 19 out.

2015.

QUEIROZ, Jacquelyne Taís Farias. **Os direitos do cadáver:** ritos fúnebres na poesia épica e trágica da Grécia antiga. 2012. 127 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Cultura, Educação e Linguagens) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2012. Disponível em: <<http://www.uesb.br/ppgcel/dissertacoes/2010/jacqueline.pdf>> Acesso em: 06 fev. 2016.

RÖHR, Ferdinand. Reflexões em torno de um possível objeto epistêmico próprio da Educação. **Pro-posições**, v. 18, n. 1, p. 51-70, jan/abr. 2006. Disponível em: <<http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/textos/52-dossie-rohrf.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2016.

SISSA, Giulia. Filosofia do gênero: Platão, Aristóteles e a diferença dos sexos. In: PANTEL, Pauline Schmitt (Org.). **História das mulheres:** A Antiguidade, Porto/São Paulo: Afrontamento, 1990.

SOUSA, Renata Cardoso. A historicidade dos heróis de Homero. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE RELIGIÃO, MITO E MAGIA NO MUNDO ANTIGO & IX FÓRUM DE DEBATES DE HISTÓRIA ANTIGA, 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010. p. 1-80.